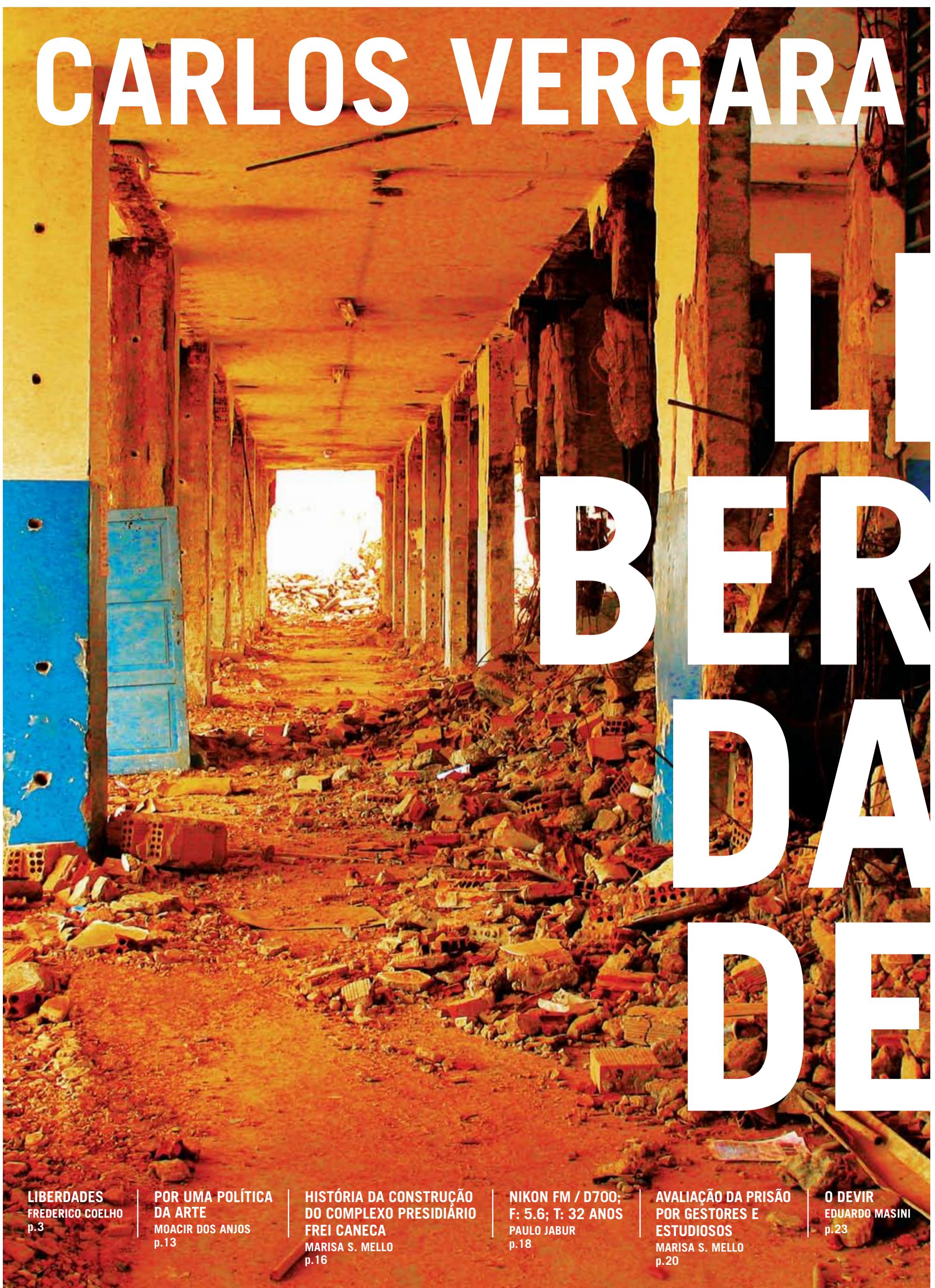


CARLOS VERGARA

LIBERDADE



LIBERDADES
FREDERICO COELHO
p.3

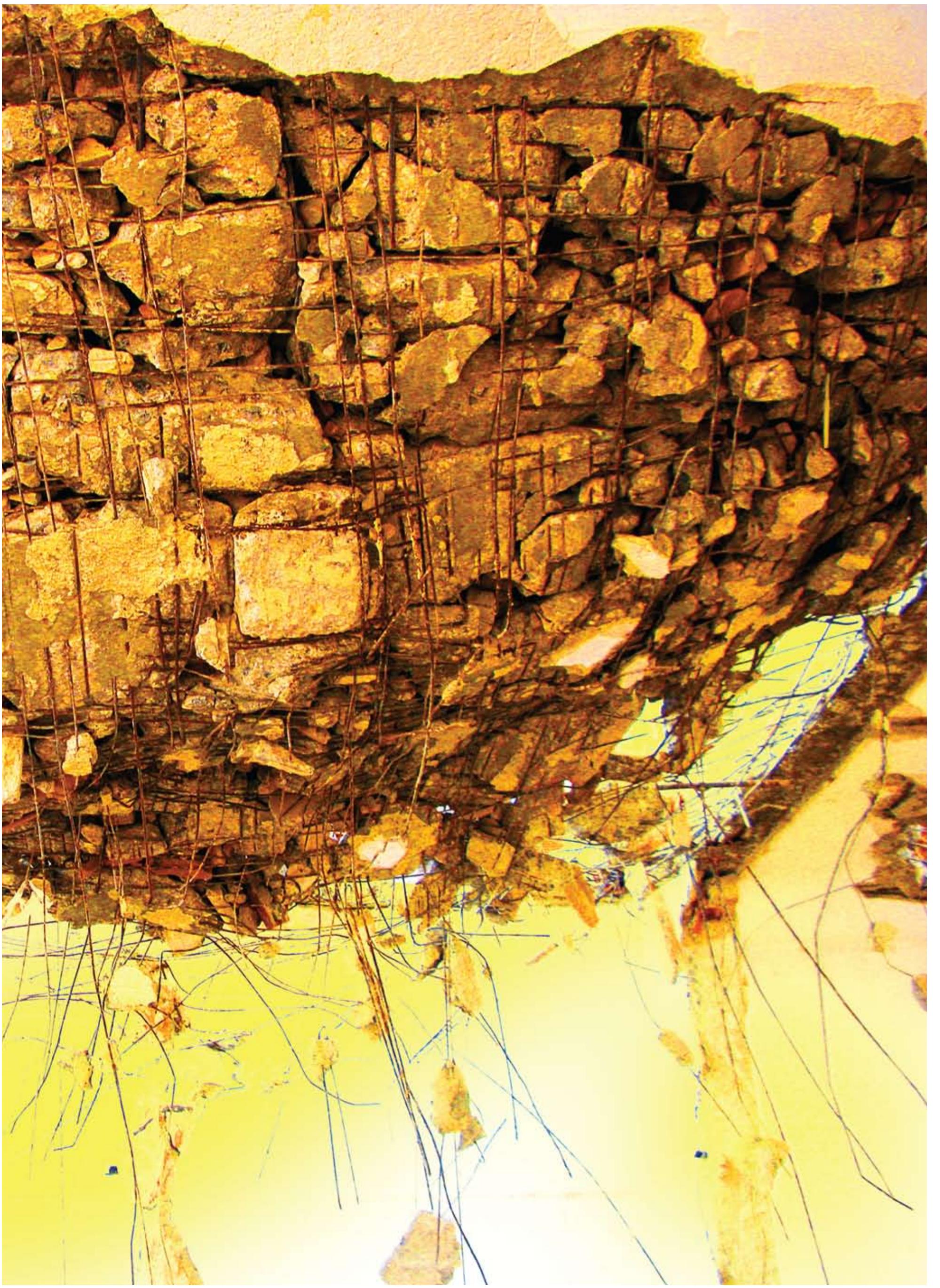
POR UMA POLÍTICA
DA ARTE
MOACIR DOS ANJOS
p.13

HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO
DO COMPLEXO PRESIDIÁRIO
FREI CANECA
MARISA S. MELLO
p.16

NIKON FM / D700;
F: 5.6; T: 32 ANOS
PAULO JABUR
p.18

AVALIAÇÃO DA PRISÃO
POR GESTORES E
ESTUDIOSOS
MARISA S. MELLO
p.20

O DEVIR
EDUARDO MASINI
p.23



LIBERDADES

FREDERICO COELHO

DAS LUZES NASCEM AS TREVAS.
A PRISÃO ILUMINISTA, COM
SEUS CÓDIGOS LEGAIS E SUA
DEGRADAÇÃO INEVITÁVEL,
SUGERE ESSA IMAGEM
CONTRASTADA ENTRE LUZ
E SOMBRA, ENTRE CLARO E
ESCURO. A RAZÃO QUE NOS DEU
TODOS OS FUNDAMENTOS PARA A
CRÍTICA MODERNA DO MUNDO

é a mesma razão que planejou um novo controle dos corpos através da castração de sua potência de vida. Presos, os homens infames devem aprender que nem todos podem viver além dos limites. Estar preso é estar só, mesmo ao lado de muitos. É viver contando os dias, rezando as horas, trançando panos.

Esta exposição, antes de tudo, exibe um espanto. Um espanto perante essa crise permanente de nossa condição humana que atravessa os séculos e o ofício de um artista. Em um mundo pleno de tragédias, o que pode falar a arte diante delas? Seguirá a garantia de ter apenas a si mesma como musa? Continuará afirmando o eco moderno do artista que separa o homem que sofre do homem que cria? Ou cederá ao recurso fácil do comentário ilustrativo como forma de registro político? Como enfrentar a questão da prisão e todos seus desdobramentos de forma visual? Carlos Vergara nos mostra que essas perguntas não são apenas retóricas de um texto de apresentação para mais uma exposição.



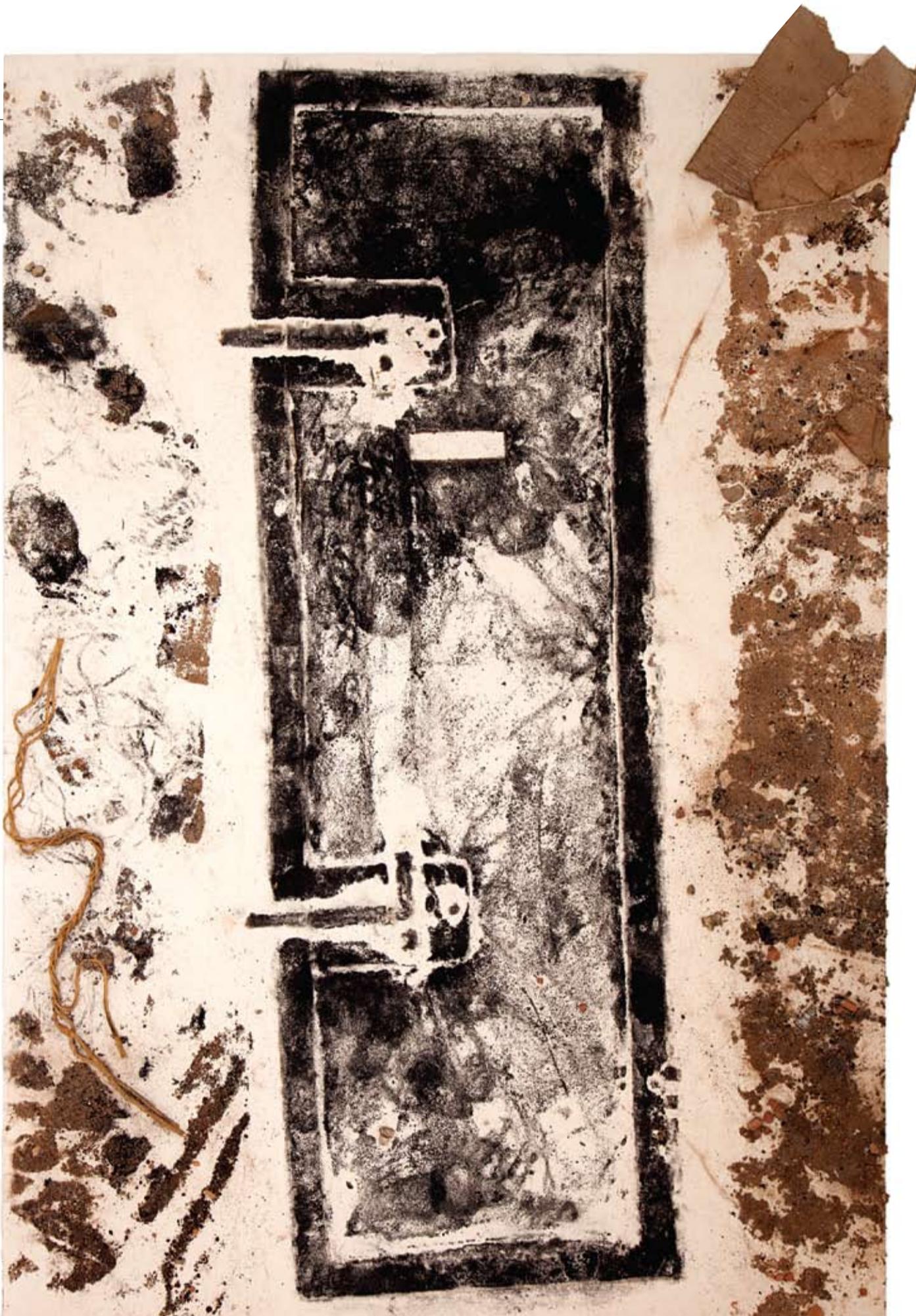
Carlos Vergara nos escombros da demolição da Frei Caneca |
Carlos Vergara in the rubble after the demolition of Frei Caneca, 2010

"Para Vergara, o Complexo da Frei Caneca não era um cenário distante ou um mero problema social. Ele era parte de sua vista diária quando do alto de seu ateliê na rua Progresso, Santa Teresa, via o vale do Catumbi encrespado pelo morro da Mineira, espetado pela cruz da Igreja de São Francisco de Paula e maculado pela prisão e seus pavilhões. Um dia, uma nuvem de poeira mudou para sempre sua vista sobre o vale, o mundo e a vida."

mesmo que tenhamos no preso seu personagem de fundo, não vemos pessoas, rostos ou homens encarcerados. O que Vergara nos apresenta são os resquícios, os rastros, os moldes dos corpos, o alarido das celas, as escritas do tempo, os trapos da fuga frustrada, os pôsteres das musas nuas colados nas paredes, os sinais indeléveis da violência e da solidão.

Ao saber da implosão da Frei Caneca, Vergara percebeu que se não há como libertar a vida que dobrou a medida há, ao menos, como registrar o fim daqueles prédios através de suas histórias e destroços. Eles surgem acompanhados de improváveis cores que foram a escuridão dos seus pátios. Quando povoam com cores suas telas e desenhos e exibe a força imponente das grades amarelas como molduras da memória, Vergara está nos oferecendo um lugar para respirar dentro do tema sufocante. Temos em suas imagens as portas abertas para um espaço que nunca desejamos conhecer

SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Monotipia sobre lona crua |
Monotype on raw canvas
200,5 x 140,5 cm



e a possibilidade de não sucumbir completamente ao nosso projeto consciente de destruição do outro.

O público perceberá que esta exposição não traz um conjunto de obras estanques, fases ou frentes de interesses do artista a partir de um tema. Não há aqui variações estéticas ou estudos artísticos sobre a prisão. Não há cenários para efeitos e interpretações. Vergara nos oferece uma exposição-síntese da sua inquietação, um longo processo de trabalho que só se enxerga por inteiro, obra completa partida entre diferentes peças de um grande tabuleiro do Xadrez. Cada parte se relaciona a outras, como os lençóis amarrados em uma Teresa pronta para o escape da cadeia na calada da noite. Cada desenho, cada fotograma, cada monotipia, todas as obras têm vida própria e, ao mesmo tempo, ampliam sua potência em sua dimensão aberta, na medida exata em que afeta a todos nós.

A profusão de ideias que vemos nos variados suportes experimentados por Vergara não só mostram a vitalidade de um artista em plena forma, mas também afirmam a extensão desse afeto. As fotos utilizam outras lentes para o olho atento que sempre captou com suas máquinas as ruas e os vastos campos do mundo. Aqui, ele enquadra a solidão muda do espaço e mergulha no vazio desolador das celas vazias, dos escombros frescos, das armações de ferro em vísceras. São fotos apresentadas em suas várias possibilidades pictóricas, com jogos de escalas e desdobramentos desconcertantes em três dimensões. Vergara nos desloca dos rostos extasiados dos blocos de carnavales ou dos excessos imagéticos dos templos sagrados e nos coloca frente a frente com as ruínas rejeitadas de nossa história. Ele nos afasta do registro iluminado da fé e divide conosco esses buracos escuros do profano.

Se há algo que une o preso a todos os homens e os fazem filhos de Deus é justamente a pergunta que seu encarceramento ressoa em todos nós: como vivermos juntos sem aniquilar uns aos outros?

Os desenhos em aquarela – feitos na urgência que a mão pede quando o artista não está em seu ateliê – e seu desdobramento nas grandes telas são caminhos que o ajudaram a esvaziar a escuridão do tema investindo na profusão de cores e formas. Surgem pinturas em que a imposição da escuridão é sempre perfurada por uma luz cujo sol atravessa paredes inteiras. É a luz da janela que se tornou buraco depois da implosão dos prédios e invade o trabalho de Vergara. Essa mesma luz que criou a prisão e se apaga para sempre quando estamos dentro dela.

Em conversa com Vergara, ele lembra que os corredores da prisão se chamam galerias. Sobreposição radical de sinônimos para uma exposição com tal mote. Ao contrário das galerias de arte, sempre prontas para os olhos do mundo, as galerias da prisão não apresentam nada. Elas são pensadas para somente esconderem. Não há nada para ser visto. Eis aí o ponto alto do trabalho do artista: onde não há nada para ver, nada para admirar, no interior destruído dessas galerias que escondem, Vergara viu. O esvaziamento da cadeia para a implosão permitiu a Vergara adentrar a grande obra coletiva e silenciosa que todos os presos fizeram nas paredes, celas e corredores, transformando essas galerias do presídio em galerias de uma estética agônica dos dias perdidos e da esperança vazia de sair do desaparecimento.

A implosão da Frei Caneca revelou uma explosão interna do próprio Vergara em relação a muitos pontos de sua longa trajetória. Em uma carreira de quase meio século voltado exclusivamente para o seu trabalho, ainda há descobertas a serem feitas e espantos como esse, que o leva a vislumbrar a prisão como o motor de uma indignação humanista. Uma prisão que amplia

seus muros para a vida cotidiana, para as relações sociais, para o embate do homem com o mundo e seus descalabros cada vez mais banais. Um artista como Vergara chega ao momento em que sua arte e sua vida já não precisam mais do cordão de isolamento para justificar sua excelência. A arte deixa de ser vista como uma cadeia que cerca o pintor ou um muro de contenção que a protege da contaminação da vida e das massas. Aqui, ela se arrisca e ganha as cores e os horrores do mundo. Assim, Carlos Vergara transforma sua investigação em elemento construtivo de sua obra. Ao apresentar ao público todo um processo criativo, com suas inquietações e perguntas feitas a longo do percurso, ele consegue articular a vida através da arte por novos caminhos. E isso, justamente quando se espera dele e de outros de sua geração que a arte não traga mais problemas para a vida.

Com este mergulho na prisão dos outros, o artista rompeu a sua própria cela e investiu contra o conforto. Conforto da arte, conforto dele mesmo e conforto do público. Eis uma exposição cuja potência dos trabalhos nos leva, juntos com Carlos Vergara, a um novo passo no abismo. O passo decisivo que, enfim, permite a ele dizer, alto e claro, a palavra-desejo que fica presa nas nossas gargantas quando confrontamos as imagens do seu trabalho: *Liberdade*.

Frederico Coelho é professor de literatura da PUC-Rio e pesquisador.



SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Desenho - aquarela sobre papel
Drawing - watercolor on paper
30 x 42 cm

SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Desenho - aquarela e nanquim sobre papel
Drawing - watercolor and Indian ink on paper
30 x 42 cm

SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011 Carvão e dolomita pigmentada sobre lona crua | Charcoal and dyed dolomite on raw canvas, 190,6 x 216,5 cm
SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011 Pintura e cola PVC sobre lona crua | Painting and PVC glue on raw canvas, 180 x 180 cm



página ao lado | opposite page

(desenhos | drawings)

SEM TÍTULO | UNTITLED, 2011
Aquarela e nanguim sobre papel
Watercolor and indian ink on paper
30 x 42 cm

SEM TÍTULO | UNTITLED, 2011
Pintura, cola PVC, dolomite e
carvão sobre lona crua
Painting, PVC glue, dolomite and
charcoal on raw canvas
180 x 180 cm

nesta página | on this page

SEM TÍTULO | UNTITLED, 2011
Monotipia e pintura sobre lona crua
Monotype and painting on raw canvas
191 x 217 cm



SEM TÍTULO | UNTITLED, 2011
Instalação | Installation
Portas gradeadas com plotagem de fotografias,
material recolhido do Complexo Presidiário
Frei Caneca | Barred doors with prints of
photographs, material collected from
Frei Caneca Prison Complex







SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Pintura, monotipia e carvão sobre lona crua
Painting, monotype and charcoal on raw canvas
180 x 180 cm

SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Desenho - aquarela e nanquim sobre papel
Drawing - Watercolor and Indian ink on paper
30 x 42 cm

página ao lado | opposite page
SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Pintura, monotipia e resina sobre lona crua
Painting, monotype and resin on raw canvas
130,5 x 186 cm

POR UMA POLÍTICA DA ARTE

MOACIR DOS ANJOS

A RELAÇÃO ENTRE ARTE E POLÍTICA É LONGA, E POR MUITO TEMPO O SEGUNDO TERMO FOI SOMENTE UMA MANEIRA DE ADJETIVAR O PRIMEIRO, SUPOSTAMENTE DANDO-LHE PERTINÊNCIA E IMPORTÂNCIA PARA ALÉM DO CAMPO DA ESTÉTICA. NESSA ACEPÇÃO, A ARTE SERIA POLÍTICA AO INSCREVER,

no âmbito do simbólico, imagens, textos e ideias surgidos em meio às permanentes disputas por poder no corpo social. No limite, uma “arte política” equivaleria à arte como propaganda, reproduzindo meramente algo que lhe seria externo e estranho. Por mais relevantes que sejam os temas e por mais bem intencionadas, as motivações presentes nas construções artísticas, uma arte que é somente acessória se torna, ao fim e ao cabo, desnecessária, ou apenas redundante.

Por subordinar a arte à política, fazendo da primeira somente instrumento da segunda, esse entendimento é incapaz de apreender o fato de que a arte tece e afirma, de modo irredutível a outro campo qualquer do conhecimento, a sua política. Em vez de uma “arte política”, portanto, é preciso insistir na potência de uma “política da arte”.

A “política da arte” se expressa no poder que a criação artística tem de embaralhar as coordenadas sensoriais com que usualmente se experimenta o mundo, abrindo fissuras nas convenções e nos consensos que organizam tanto a vida pública como a íntima. E é por ser capaz de

desconcertar os sentidos, e de subjetivar esse desconcerto, que a arte pode, pelos próprios meios, reconfigurar os temas e as atitudes que se inscrevem nos espaços comuns de existência. É isso que assegura o lugar único que a arte ocupa na organização da vida e afirma sua capacidade de esclarecer e de reinventar as formas em que o mundo se estrutura.

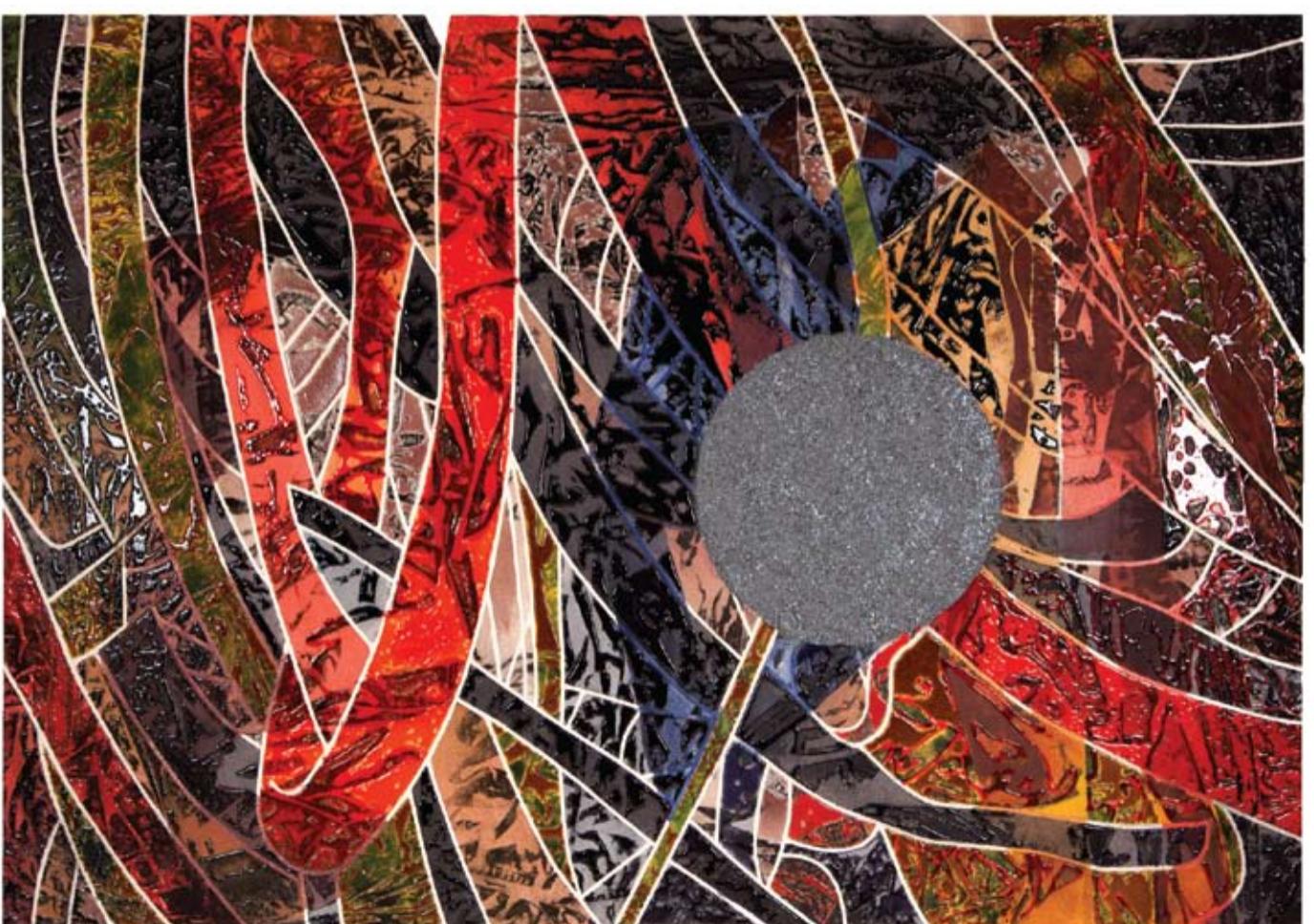
A capacidade de ampla mobilização dos sentidos que a arte pode exibir está, assim, menos na exploração inequívoca dos termos de uma situação em que tudo já se sabe e onde todas as posições já foram tomadas do que no reconhecimento de certo grau de opacidade próprio aos eventos a que alude e de como isso se traduz no próprio gesto criativo. É justamente por não ser transparente e perfeitamente traduzível em outros

meios que a arte pode tornar mais visíveis as fendas que abre na compreensão hegemônica do mundo e declarar como intolerável determinadas situações e o destino incerto de alguns. E se é verdade que o teste-munho elusivo de situações de exclusão ou violência, ainda quando feito com contundência, faz muitas vezes da arte um enigma, esse é um enigma que não requer decifração, posto que é o espanto que causa, e não sua plena compreensão, que o torna relevante e necessário.

Insistir em sua própria política é, talvez, a maneira mais efetiva de a arte lutar contra as forças regressivas que habitam o corpo social, as quais teimam em suprimir a diferença e o disenso. Sem jamais ceder ao aparente ou à propaganda, o mais que a arte pode fazer é, como afirma o filósofo

Jacques Rancière, aprofundar o desentendimento entre partes, dar visibilidade ao que antes não possuía, lembrar as fraturas do mundo: ativar, alargar e adensar um campo de recepção para a fala do subalterno e do excluído.

Moacir dos Anjos é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e foi curador da 29ª Bienal de São Paulo.



SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Monotipia e pintura sobre lona crua
Monotype and painting on raw canvas
190 x 216 cm

SEM TÍTULO I UNTITLED, 2011
Monotipia e pintura sobre lona crua
Monotype and painting on raw canvas
185,5 x 131 cm



HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO PRESIDIÁRIO DA FREI CANECA

MARISA S. MELLO

O Complexo Presidiário da Frei Caneca, criado para ser a prisão modelo do Império brasileiro, foi uma das primeiras prisões penais da América Latina. Fruto das ideias iluministas e inspirada no conceito de pan-óptico, formulada pelo filósofo Jeremy Bentham, a prisão moderna permite que se observe o preso por todos os ângulos.

Primeiro, foi escolhido o local, de 64 mil metros quadrados, onde funcionaria a prisão, situado nas chácaras do Catumbi, região de mangues e pântanos, que ficava mais longe das ruas centrais da cidade. As obras duraram de 1833 a 1950 e contaram com a participação de presos que depois se tornaram abrigados naquele local. Foram construídos dois edifícios, o primeiro destinado à Sala de Correção e, alguns anos depois, em 1856, o segundo, reservado à Casa de Detenção para presos que aguardavam julgamento e de condenações curtas.

No início de seu funcionamento a Casa de Correção conseguia estabelecer contratos para as oficinas de trabalho, chegando até a enviar os sentenciados, principalmente escravos, às obras públicas da cidade. Com o tempo, esse

movimento diminuiu. Os presos eram divididos em duas categorias, criminal e correcional. A criminal, além da pena de prisão, contava com a obrigatoriedade do trabalho. A correcional era direcionada aos vadios, escravos e mendigos.

No Brasil do século XIX, por conta da escravidão, a privação da liberdade tinha uma função complementar e acessória de controle social dessa população, que mesmo depois da abolição continuou sendo criminalizada. Em 1890, logo após a proclamação da República, foi abolida a pena de morte, galés e açoite, e o Código Penal foi alterado.

Não houve mudanças significativas na organização dos estabelecimentos carcerários no século XIX, nem ao longo de todo o século XX e nesse mesmo sentido aponta o século XXI.

IMPLOSÃO E DESATIVAÇÃO DO PRESÍDIO

ACONTECEM ENTRE 2003 E 2010, COM A TRANSFERÊNCIA DOS ÚLTIMOS DETENTOS PARA BANGU

O fim do complexo penitenciário começou em 2003, com a demolição do presídio feminino Nelson Hungria, transferido para o Complexo de Bangu VI, e da escola de gestão penitenciária. Havia 3.204 detentos no total das instituições que o Complexo abrigava. Em 2006, foram desativadas e demolidas as penitenciárias Milton Dias Ferreira, Lemos de Brito e Romero Neto. Em março de 2010, foram abatidos mais oito prédios, com 600 kg de dinamite. Em julho do mesmo ano, foi implodido o presídio Hélio Gomes, para doentes mentais, o último do Complexo que ainda restava em pé.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Foram diversos os testemunhos de presos na Frei Caneca ao longo de sua existência. Os primeiros relatos foram de presos políticos que se opuseram ao regime republicano: monarquistas ou defensores de outras propostas de república. Em seguida, interessaram-se pelo tema jornalistas, como João do Rio e Orestes Barbosa.

Durante o Estado Novo, de 1937 a 1945, Getúlio Vargas suspende as liberdades democráticas. Desde 1935, a fim de manter a ordem diante de uma "ameaça comunista", os presos políticos passaram a ser encarcerados com ou sem acusação formal, muitos deles no Complexo da Frei Caneca. Foi nessa época que nomes como Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Maria Werneck Castro Rebelo, Apolônio de Carvalho, Mário Lago e Olga Prestes estiveram encarcerados nas dependências do Complexo.

Com o Golpe Militar de 1964, os presos políticos voltam a frequentar o presídio. Muitos grupos de esquerda entraram na clandestinidade e milhares de brasileiros foram presos, torturados e assassinados. Entre os presos desse período, estavam Paulo Jabur, Ottoni Jr., André Borges etc. e alguns deixaram suas memórias registradas em livros.

Sobre o período Vargas, um dos mais conhecidos relatos se encontra no livro *Memórias do cárcere* (José Olympio, 1953) do escritor Graciliano Ramos, que ficou preso entre os anos de 1936 e 1937, no contexto de perseguição aos comunistas. Graciliano esteve na Frei Caneca, no Pavilhão dos Primários e na Casa de Correção. O autor narra o drama da reificação na experiência do encarceramento:

A liberdade circunstancial que experimento desde ontem é muito menos importante que a liberdade que descubro escrevendo estas páginas. Não estou preso, é claro; mais importante: não sou preso. Tiro o meu corpo da prisão dos homens e retiro a minha vida da cadeira divino-humana dos poderosos. Terei forças para continuar enfrentando os homens humanos que constroem celas e os homens divinos que tecem destinos?



Sala estreita, acanhada; homens de zebra a mexer-se em trabalhos aparentemente desnecessários. Por que me encontrava ali? Devo ter feito essa pergunta, devo tê-la renovado. Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos. Provavelmente não existia razão: éramos peças do mecanismo social – e os nossos papéis exigiam alguns carimbos. A degradação se realizava dentro das normas.

Afinal que valíamos nós?

Estávamos ali mortos, em decomposição, e era razoável evitarem o contágio. Bom que se conservasse longe. Ninguém nos poderia oferecer uma dessas mesquinhas lisonjas indispensáveis na vida social; estávamos diante de uma verdade muito nua e muito suja, e qualquer aproximação nos originaria vergonha e constrangimento. O resto da humanidade se afastava; no marasmo e no assombro, sentímos que se afastava em excesso. Impossíveis os entendimentos: murros intransponíveis nos separavam.

O livro, que teve grande repercussão, por ocasião de seu lançamento em 1953, foi adaptado para o cinema por Nelson Pereira dos Santos, em 1984, e continua sendo uma referência literária importante e ao mesmo tempo um testemunho histórico do período do Estado Novo.

O escritor Silviano Santiago publicou o romance *Em liberdade* (Rocco, 1981), dando continuidade, na forma de pastiche, às *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. Trata-se do diário ficcional de Graciliano logo depois de ter sido solto, em 1937. Segue abaixo um trecho do livro:

A liberdade circunstancial que experimento desde ontem é muito menos importante que a liberdade que descubro escrevendo estas páginas. Não estou preso, é claro; mais importante: não sou preso. Tiro o meu corpo da prisão dos homens e retiro a minha vida da cadeira divino-humana dos poderosos. Terei forças para continuar enfrentando os homens humanos que constroem celas e os homens divinos que tecem destinos?

Na década de 1970, os presos realizaram o jornal intitulado *Correio da Manha*, no presídio da Frei Caneca, no contexto da luta pela anistia dos presos políticos. O título do periódico é uma paródia do *Correio da Manhã*, um dos principais jornais da época, que primeiro apoiou o Golpe Militar e depois assumiu posição mais crítica em relação ao regime, principalmente até o AI-5, em 1968, quando a censura da imprensa tornou-se prática cotidiana do regime.

Em edição única, relata, entre outras histórias, uma greve de fome dos encarcerados de 33 dias em favor da causa da Anistia. Somente em 1979, a Lei da Anistia foi promulgada, de forma ampla e irrestrita, para os presos políticos, mas também para os militares. Nessa ocasião, ainda havia 52 presos políticos no país.

OUTROS DEPOIMENTOS

A PRIMEIRA PRISÃO POLÍTICA FEMININA, DE MARIA WERNECK

O livro *Sala 4* (CESAC, 1988), de Maria Werneck, é um relato sobre o presídio da Frei Caneca contemporâneo ao de Graciliano Ramos. A Sala 4 fazia parte do Pavilhão dos Primários, da Casa de Detenção e foi a primeira prisão política feminina no país. Por tratar-se de mulheres, foi colocado um toldo para separá-las dos outros presos. Diversas mulheres ocuparam essa cela: Nise da Silveira, Maria Werneck, Valentina Dias Leite, Olga Prestes, entre muitas outras. Maria Werneck narra a perseguição, o horror da prisão, a tortura, mas também as amizades que as mulheres construíram nesse lugar.

EM O BAÚ DO GUERRILHEIRO (Record, 2004), o jornalista Ottoni Jr., que ficou preso por seis anos, de 1970 a 1976, revela suas memórias de ex-militante político. Em 1969, quando começou a ser perseguido pelas forças repressivas da ditadura militar, Ottoni era professor e estudante de física na



CORREIO DA MANHA Fac-símile do jornal | Facsimile of newspaper, 1979

Universidade de São Paulo. O autor resgata as práticas mais obscuras do regime militar, a exemplo da polícia política, da espionagem, da censura e da propaganda política.

A FUGA – PRESOS POLÍTICOS FOGERAM PARA PARTICIPAREM DA LUTA ARMADA CONTRA A DITADURA (Editora Urbana, 2009), de André Borges, que também ficou preso na Frei Caneca, narra a sua longa trajetória nos cárceres do regime ditatorial e sua luta pela liberdade democrática. Entre outras histórias conta como, junto com outros presos, organizou, em 1968, o 1º Festival de Música e Poesia do Penitenciário da Guanabara, com ampla repercussão. André Borges é militante do Círculo Palmarino, fundador do IPDH – Instituto Palmares de Direitos Humanos e do MNDH.

Esse trecho é parte das memórias sobre o cárcere de William da Silva Lima, famoso por ter participado da fundação do Comando Vermelho. Segundo o autor, que passou vinte e três anos na cadeia, o Comando Vermelho não se referia a uma organização, mas a uma forma de sobrevivência, simplesmente como forma de integração na massa carcerária e de luta pela liberdade que, na prisão, é sinônimo de fuga. Em seu livro *Quatrocentos contra um* (Labortexto, 2001), relata a experiência de convivência entre presos comuns e presos políticos durante o período militar, principalmente nos presídios da Ilha Grande e Frei Caneca.

Em agosto de 2010, foi lançado o filme *400 contra 1*, com roteiro cinematográfico de Victor Navas e direção de Caco Souza, baseado na obra.

ALGUNS FATOS MARCANTES DA HISTÓRIA DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DA FREI CANECA

1855 A Casa de Correção tinha 139 presos, fora os recolhidos à prisão simples, galés ou calabouço, em celas individuais.

1856 A Casa de Detenção, com capacidade para 160 detentos, foi construída a partir de uma parte do andar térreo da Casa de Correção.

1870 A Casa de Detenção recolheu 2.901 prisioneiros e comportava uma quantidade elevada de presos por cela.

1879 Das 7.225 pessoas que passaram pela Casa de Detenção, 2.028 (pouco mais de 28%) eram escravos.

1887 Passaram pela Casa de Detenção 10.072 homens livres e 849 escravos, dos quais 385 livres e 19 caixas ainda permaneciam na prisão no fim daquele ano, então o último antes da Abolição da Escravatura.

1890 Abolição das penas de morte, galés e açoite. Foi designada a oitava galeria da Casa de Correção para servir de prisão de Estado aos inimigos da República. Sessenta por cento das pessoas detidas foram por embriaguez, vadiagem e comportamento desordeiro.

1897 O Jornal do Brasil denunciava, na edição do dia 5 de setembro, espancamentos sofridos nas dependências da prisão.

1905 O Jornal do Brasil noticia, em 20 de janeiro, as constantes revoltas, evasões, conflitos, lutas e ferimentos na Casa de Detenção.

1907 Ernesto Senna escreve *Através do cárcere, reunindo crônicas sobre a Casa de Detenção*. 1917 Superlotação e falta de dinheiro ocasionavam doenças graves regularmente. Vinte e cinco ou mais homens apertavam-se em celas para seis homens. Dos 2.783 homens presos na Casa de Detenção, 1.700 eram brancos, 413 pardos e 670 pretos. As mulheres detentas incluíam: 61 brancas, 45 pardas e 116 pretas.

1920 As mulheres passam a ter uma ala separada, onde existiam três grandes salas: uma enfermaria, banheiros e uma lavanderia.

1922 e 1923 Orestes Barbosa, jornalista, escreve o livro *Na prisão* (Typ. Jornal do Commercio, 1922) e *Ban-ban-ban!* (Benjamim Costallat e Miccolis, 1923), crônicas sobre o cárcere que se tornam populares.

1924 Das 1.065 pessoas que entraram na cadeia, 298 eram presos políticos, no contexto de diversas rebeliões militares que aconteceram no período.

1935 Intensificam-se as prisões políticas. 1944 Ocorrem as prisões políticas em decorrência do Golpe Militar.

1968 A prisão de militantes políticos multipliça-se com a instauração do AI-5.

1969 Grupo armado de bandidos ajuda na fuga de presos políticos.

1979 Greve de fome de 33 dias pela anistia.

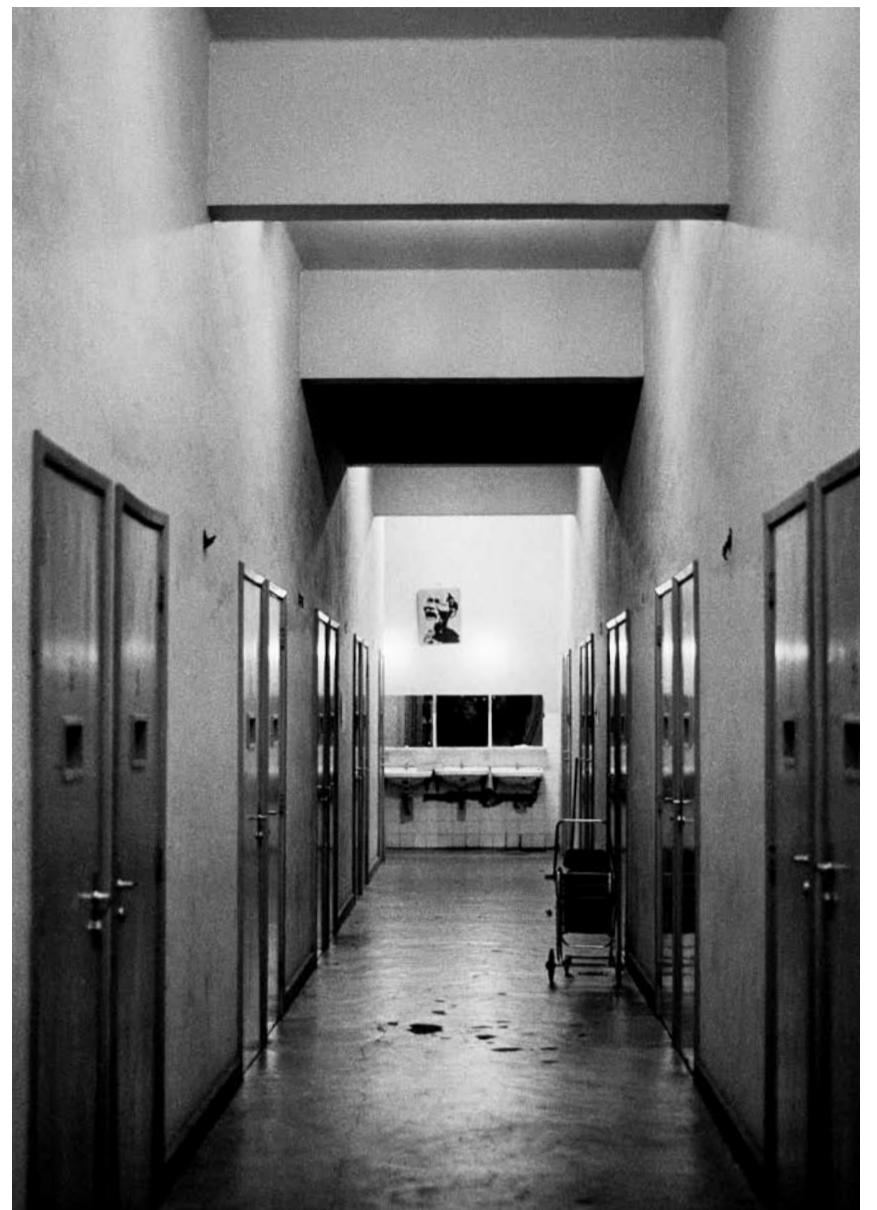
1984 A Lemos de Brito tinha cerca de 600 presos considerados de alta periculosidade e uma situação de grande tensão, já que o Terceiro Comando tentava impor seu domínio sobre a cadeia.

2001 O Complexo de Frei Caneca abrigava cerca de 3,8 mil presos.

2004 Greve dos agentes penitenciários. Na madrugada, do mesmo dia, 4 de junho, traficantes da favela do Morro do Zinco encobriram a fuga de seis presos no Complexo de Frei Caneca.

2006 O presídio Lemos de Brito foi desativado, no dia 1º de dezembro, com a transferência dos presos para o Complexo de Gericinó.

2010 No dia 3 de julho, ocorre a implosão da última construção que ainda existia no Complexo Presidiário da Frei Caneca.



O MATERIAL DO PRESÍDIO DA RUA FREI CANECA AQUI EXIBIDO ABANGE TRÊS PERÍODOS DISTINTOS. O PRIMEIRO – PRISÃO – É DE 1979 E CONSISTE EM IMAGENS DA GALERIA DOS PRESOS POLÍTICOS.

O segundo – Abandono e demolição – é de 2006, época em que o presídio já estava desativado e foi parcialmente implodido. A terceira fase – Transformação – exibe a metamorfose do material demolido em aço novo na Siderúrgica Gerdau em Santa Cruz e é de 2011.

Presídio com 150 anos de funcionamento, a passagem por ali dos presos políticos da ditadura militar, entre 1976 e 1979, representa apenas uma pequena parcela de sua história. E se a experiência das muitas privações em uma prisão é comum para todos, essa parcela é, em alguns aspectos, diferente daquela vivida pela grande massa carcerária. Até mesmo pela lógica da repressão política de então, que concentrava sua fase mais violenta e letal nos seus porões clandestinos e militares, para o preso político chegar a um presídio civil era quase uma garantia de vida. Além disso, as condições políticas nessa época já apontavam uma clara deterioração interna das forças no poder e um apreciável avanço das forças democráticas. E nas brechas do

NIKON FM / D700; f: 5.6; t: 32 ANOS

PAULO JABUR

alargamento desse espaço político vieram da Ilha Grande para a Frei Caneca e fomos progressivamente melhorando as condições de sobrevivência até o ponto de conseguirmos documentar nosso dia a dia nestas imagens agora apresentadas. Apesar do clima intrinsecamente pesado a uma prisão, as imagens espelham mais que a expectativa, uma intuição da liberdade então já próxima.

Já no final de 2006, praticamente desativado e com sua implosão decidida, foram feitos os registros da segunda fase. Pela antiga galeria dos presos políticos, muitos outros presos, policiais especialmente, tinham passado. Mas, exceto por algumas modificações das partes comuns e pelas características inscrições nas paredes, pouca coisa havia, materialmente, mudado. O clima óbvio de abandono do lugar ainda não tinha apagado todas as marcas das vidas que por ali passaram. Paradoxalmente, seu aspecto – vazio e semidestruído – traz semelhanças com muitas fotos de carceragens superlotadas que costumamos ver nos jornais.

Paulo Jabur é fotógrafo.



A PRISÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

CONHEÇA A OPINIÃO DE GESTORES E ESTUDIOSOS DO TEMA

MARISA S. MELLO

A privação da liberdade do ser humano, como forma de punição pela prática de ilícitos criminais, demandou a construção de estabelecimentos destinados a guardar indivíduos que representam um risco à sociedade organizada. Esses estabelecimentos prisionais podem ser xadrezes de delegacias, presídios, casas de detenção, penitenciárias e manicômios judiciais, nos quais convivem centenas ou milhares de pessoas em forma de comunidade, formando um sistema social controlado dentro da sociedade livre.

A prisão tem origem, ainda no século XVIII, na divisão constante entre normais e anormais e se baseia no medo. São criadas instituições com a tarefa de medir, controlar e corrigir os anormais e desiantes, em que a individualização e o isolamento são formas de marcar fisicamente a exclusão. A pena do encarceramento é criada no momento em que o ato de punir deixa de ser uma prerrogativa do rei, mas estende-se como um direito da sociedade de se defender contra aqueles que representassem uma ameaça principalmente à propriedade e à vida.

Em nenhum lugar do mundo essas práticas de vigilância e punição resolveram a questão da segurança e sequer diminuíram o número de crimes cometidos. Mesmo assim, os governos, com o aval e a demanda da sociedade, continuam insistindo na construção de presídios como solução para o desvio ou a infração. Na opinião de especialistas e pensadores que se dedicam ao tema prisional, esse impulso permanente de encarceramento do outro não regenera, nem reintegra o transgressor da lei e dos costumes.

No entanto, ainda se encontram no país situações como a descrita por uma médica sanitária da Fundação Oswaldo Cruz, ao visitar o xadrez de uma delegacia de polícia, no Rio de Janeiro, em 2004: “A condição dos detentos dessa instituição é de privação máxima: amontoamento, ausência de ar, promiscuidade, mau cheiro, inexistência de qualquer privacidade, desconforto radical. Pode-se afirmar que estes presos estão vivendo uma situação de tortura física e mental. A intensidade da miséria humana imposta a esses detentos é inominável e indescritível”.

E complementa afirmando a urgência do debate e da construção de penas alternativas:

Um Ministro da Justiça inglês já disse que a prisão é uma forma cara de tornar as pessoas piores. Não poderia concordar mais. A pena privativa de liberdade é absolutamente ineficaz como forma de controle social. A pena de prisão destrói indivíduos e famílias; aniquila a autoestima e noções básicas de autonomia; transforma ladrões de galinha em criminosos empedernidos; não ensina o respeito às leis e não detém o crime, favorecendo a reincidência; e não transforma criminosos em

Segundo a socióloga carioca Julita Lemgruber, é preciso assegurar que o ambiente prisional se mantenha o menos cruel e desumano possível. Julita figura entre os especialistas no sistema prisional brasileiro, pois além de pesquisadora do tema, atuou como diretora do Desipe de 1991 a 1994. Em 2000 ela tornou-se a primeira ouvidora de polícia do Estado do Rio, ano em que também fundou o CESeC (Centro de Estudos em Segurança e Cidadania) da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, que atualmente coordena. Publicou livros como *Quem vigia os vigias* (Record, 2003) e *A dona das chaves* (Record, 2010). Perguntada se sua experiência executiva provocou alguma mudança na sua visão crítica sobre o papel da pena e da prisão na atualidade, Julita afirma:

Desde os anos 1970 eu já duvidava da possibilidade de a pena de prisão funcionar como instrumento de mudança ou de “ressocialização” de homens e mulheres privados da liberdade. Depois dos meus doze anos de trabalho no sistema penitenciário, inclusive como diretora-geral, a dúvida transformou-se em certeza. A pena privativa de liberdade é punição pura e simples. E, enquanto existirem prisões, a responsabilidade do administrador prisional é garantir que o limite da punição seja a privação da liberdade.



SEM TÍTULO I / UNTITLED, 2011
Monotipia, fragmentos e pintura sobre
lona crua | Monotype, fragments and
painting on untreated canvas
230,2 x 145,5 cm

página ao lado | opposite page
EMPILHAMENTO I /PILE-UP, 1969
Instalação na | Installation at Petite Galerie

“A prisão é cara, cruel e ineficaz”

“Acredito que, se a pessoa não for violenta, tem que ser punida com prestação gratuita de serviços à comunidade”.

JULITA LEMGRUBER

A ideologia da prisão é que ela tem a capacidade de punir, intimidar e regenerar, o que é contraditório. Para punir você tem de maltratar e para recuperar você tem de tratar bem, e não há ninguém que possa ser recuperado através de maus tratos. O despojamento do papel ativo do preso na vida social pela imposição de barreiras no contato com o mundo externo e pelo controle de sua conduta gera a sensação de fração e a estigmatização na sociedade.

“Infelizmente, a experiência da cadeia transforma para o bem a cabeça de quem a visita; mas causa prejuízos irreversíveis para quem a cumpre”

TÉCIO LINS E SILVA

Técio Lins e Silva afirma que o contato direto com um presídio pode marcar e modificar a maneira de pensar de quem visita esse espaço, muito mais que o estudo sobre o assunto, além de ressaltar as consequências catastróficas para quem cumpre pena de prisão. Técio é advogado criminalista, militante na advocacia contenciosa em diversas instâncias, professor licenciado de Direito Penal da Universidade Cândido Mendes e membro titular do Instituto dos Advogados Brasileiros:

Essa é uma das questões referentes à cidadania que menos preocupação desperta nas pessoas, inclusive naqueles que pensam o País de forma generosa. Aprendi que ela mexe tanto com as pessoas que, durante o tempo em que lecionava direito penal, no bacharelado de direito, eu sempre reservava um dia para levar a turma para visitar um presídio. Essa excursão valia mais do que mil lições a respeito do tema. Até hoje, passados mais de 30 anos, encontro ex-alunos que se referem a essa experiência como transformadora de sua maneira de pensar a vida. Infelizmente, a experiência da cadeia transforma para o bem a cabeça de quem a visita; mas causa prejuízos irreversíveis para quem a cumpre. E muito!

Outro aspecto marcante da história das prisões refere-se ao convívio entre presos comuns e presos políticos, principalmente nos períodos de suspensão das liberdades democráticas. Técio defendeu diversos presos políticos durante o regime militar, convivendo

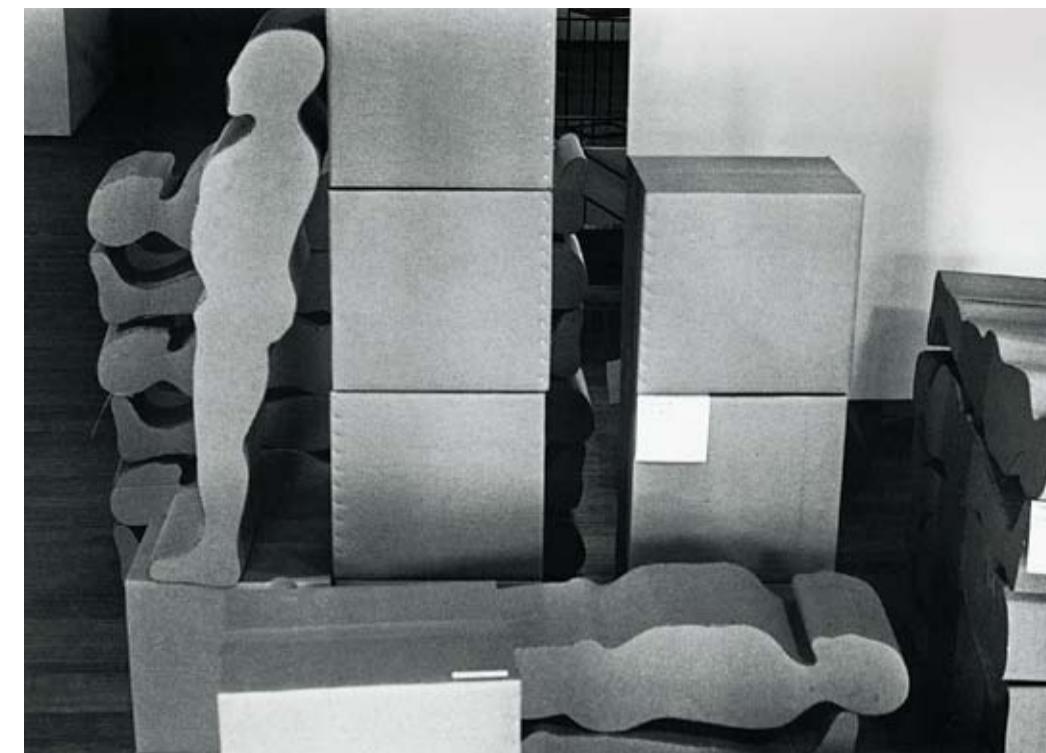
com o cotidiano das prisões, e destaca a diferença de tratamento entre os presos políticos e os presos comuns:

A principal diferença decorria do fato de que aquelas pessoas eram, em geral, oriundas ou mais próximas da classe dominante do que os chamados presos comuns. Essa singela diferença, evidentemente, fazia com que o tratamento fosse diferente, embora não queira dizer que fosse fácil. Os presos políticos sofriam às vezes até mais do que os demais, dependendo das circunstâncias e do período da prisão. Estou me referindo à fase em que os presos políticos passaram a cumprir suas penas nos estabelecimentos prisionais convencionais. Excluo a fase dos porões da tortura e as prisões nos estabelecimentos militares, onde eram considerados e tratados como “imigrantes”. Basta exemplificar com uma pequena história que eu vivi. Lembro-me bem de um velho policial civil, carcereiro do DOPS, que costumava dizer ter conhecido muitos presos que depois se tornaram ministros, magistrados, políticos e dirigentes do País, enquanto ele continuava ali, policial e carcereiro. Assim justificava a razão de não ser tão rigoroso e dar alguma ajuda sempre que podia...

ESTIGMA, CRIME E POBREZA

Sobre a relação entre estigma, crime e pobreza, o sociólogo francês Loïc Wacquant, em conferência realizada no Instituto Carioca de Criminologia, esclareceu como, ao adentrar nas prisões, os explorados tornam-se mais pobres ainda:

As prisões são principalmente instituições para pobres. A maioria dos prisioneiros vem da classe trabalhadora e ao passar pela prisão eles empobrecem mais ainda. A porcentagem dos que entram sem trabalho é menor que a dos que saem sem trabalho. Quando



“Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos.”
Graciliano Ramos

que, quando colhidos, são virtualmente massacrados pelo sistema.

Quem afirma isso é o advogado, professor titular de direito penal da UFRJ e Uerj, e ex-vice-governador e ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, Nilo Batista, fundador do Instituto Carioca de Criminologia. Ele procura relacionar o fenômeno criminal aos problemas sociais como a pobreza e a má distribuição de renda, o que fica claro em seu livro *Punidos e mal pagos* (Revan, 1990), em que afirma

que o capitalismo recorre ao sistema penal para garantir a mão de obra e impedir a cessação do trabalho, criminalizando o pobre que não se converte em trabalhador. Nilo Batista ressalta os interesses da indústria do controle do crime no encarceramento e o fracasso da prisão como pena, desde os primeiros relatos produzidos sobre essa experiência:

Administrar penitenciárias deve ser uma atividade tranquila, sem muitas tensões. Afinal, há mais de dois séculos – desde Howard, em 1794, – sabemos bem dos horrores da institucionalização total. Não fossem os interesses da poderosa indústria do controle do crime, especialmente no ramo da hotelaria punitiva, e a privação de liberdade estaria desacreditada como pena que, na reincidência penitenciária, reproduz o crime. Quando era chamado de utópico, Louk Husman respondia com doçura que não existe ninguém mais utópico do que aquele que espera alguma coisa da prisão. A prisão sempre foi um grande fracasso, quaisquer que tenham sido os regimes penitenciários, a formação de pessoal, as condições arquitetônicas, a judicialização da execução penal, etc. Portanto, o administrador penitenciário

HO'PONOPONO EUVOCÊVOCEUU

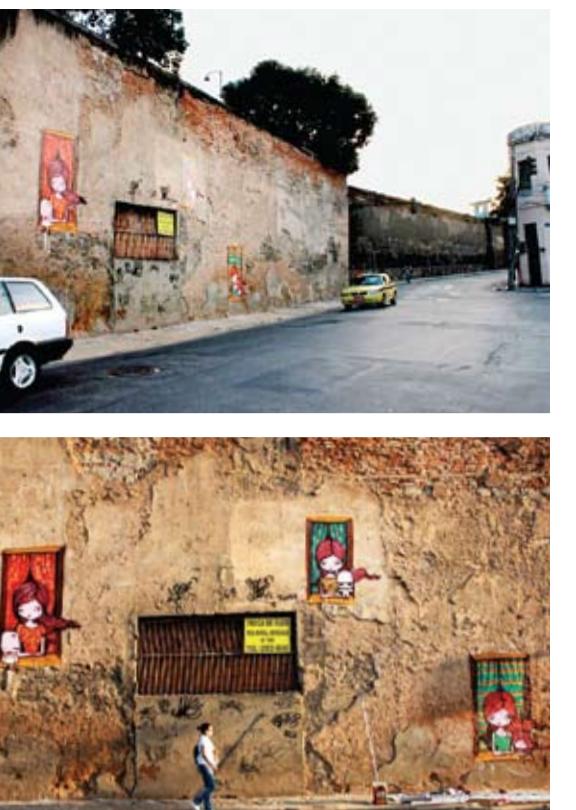
O que mais me impressiona atualmente ao olhar o mundo à minha volta é perceber meus irmãos humanos com seus pensamentos repetitivos, suas crenças limitadas, seus condicionamentos sempre acompanhados de lembranças dolorosas refletidas neste grande espelho chamado vida. Esse mundo LIBERDADE, no qual o artista recoloca a possibilidade da explosão do cárcere, imprime no meu ser, literalmente, a minha responsabilidade de tudo o que está a minha volta.

Sugeri ao artista que incluísse neste impresso a importância de um trabalho que já é realizado em todo o mundo e que começou com os nossos antepassados Kahunas, no Havaí. O Dr. Ihaleakala Hew Len, ainda vivo, trabalhou no Hospital do Estado do Havaí, onde criminosos e psicopatas ocupavam uma grande ala. Durante muitos anos, convivendo com as mesmas questões políticas, sociais e profissionais em decadência, o Dr. Len resolveu colocar em prática essa técnica ancestral de cura e perdão chamada Ho'ponopono (que significa corrigir um erro). Mesmo sem ele

ter tido contato com algum paciente, os insanos começaram a ser libertados de suas medicações, e aqueles criminosos que não tinham chance de serem libertados estavam sendo soltos. Essa alta hospitalar, hoje, não mais existe. Foi fechada por falta de pacientes... E o que Dr. Len fazia enquanto examinava os arquivos dos pacientes? Ele apenas repetia muitas, muitas vezes: “Me desculpa, eu amo você...” e mais: “sinto muito, me perdoa, eu te amo, muito obrigado...”

A paz começa comigo e dentro de você. Em união sempre.

BIA VARGARA é jornalista e terapeuta.



TOZ (artista)
Grafite no muro do Complexo Presidiário
Frei Caneca | Graffiti on a wall of
Frei Caneca Prison Complex, 2011

não corre muitos riscos: ele tem aquele emprego no qual se tudo der errado é que está tudo certo.

**"Não existe boa prisão.
A prisão brutaliza,
inferioriza e deteriora".**

**"A prisão foi um fenômeno estrutural da sociedade capitalista.
Era preciso controlar os inúteis da velha economia".**

NILO BATISTA

O MEDO ATUA COMO MOTOR DO ENCARCERAMENTO

Para alguns estudiosos como a historiadora Vera Malaguti Batista, o medo e sua difusão na sociedade são um dos principais motores do crescente encarceramento que vivemos atualmente. Professora de criminologia da Universidade Cândido Mendes e secretária-geral do Instituto Carioca de Criminologia, ela publicou, com base nesse tema, *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história* (Revan, 2003). Sobre a relação entre medo e prisão, Vera argumenta que a sensação de insegurança é usada pelo aparato estatal e pela sociedade como garantia de punição e encarceramento dos que ameaçam a ordem pública. O medo torna-se fator de tomadas de posição estratégicas, seja no campo econômico, político e social. A pesquisadora traça o histórico da relação entre o medo, a pobreza e o encarceramento crescentes:

**"Prisão em si não tem sentido.
Os índices de reincidência são muito parecidos no Brasil e na Suécia".**

"O medo produz fantasias, como a de que o morro vai descer".

VERA MALAGUTI BATISTA

Nessa pesquisa, dedicou-se à análise de processos, entre 1968 e 1988, de adolescentes presos por problemas

A criminalização da população pobre foi uma constante na sociedade brasileira. Os motivos é que vão mudando. Historicamente, foram criminalizadas as pessoas que davam medo, as bruxas, os hereges, os anarquistas, os comunistas, os quilombolas, os malês. No Brasil, temos duas fortes marcas históricas deste processo, que são o exterminio da civilização indígena e a escravidão. A manipulação do medo é o eixo do discurso criminal. O poder punitivo é intrinsecamente seletivo.

Nesse sentido, o medo torna-se quase sinônimo de pobreza, já que, ainda para Vera:

Há uma falsa posição que relaciona a questão criminal com a miséria e a pobreza. Os mais conservadores fazem essa associação, e isso fica equacionado de uma forma quase ofensiva à pobreza. É como se a pobreza produzisse a criminalidade. Quem trabalha na perspectiva da criminologia crítica costuma dizer que a pobreza é criminalizada. Abordo isso no meu livro Difícies ganhos fáceis: droga e juventude pobre no Rio de Janeiro (Revan, 2003).

DADOS

- A expansão do sistema penitenciário, nos últimos quinze anos, é impressionante: saltou de cerca de 110 mil presos em 1994 para quase 500 mil nos dias de hoje, com um aumento médio de população carcerária de 4%, 5% ao ano. A maioria dessas pessoas cometeu crimes sem violência.
- Segundo pesquisas do Instituto Latino-Americanano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud), 70% dos presos reincidem, ou seja, voltam a cometer novos delitos quando retornam à sociedade livre.
- Dados fornecidos pelo Departamento de Assuntos Penitenciários (Depen), da Secretaria dos Direitos da Cidadania e Justiça, do Ministério da Justiça para 1993:

 - dos 126 mil presos no país, quase todos são homens (97%), destes, 48% cumprem pena irregularmente nas carceragens das delegacias;
 - em 297 estabelecimentos penais (penitenciárias e cadeias públicas), há 51,6 mil va-

gas, o que estabelece uma média nacional de 2,5 presos por vaga e um déficit de 74,5 mil vagas;

- ocorrem, em média, duas rebeliões e três fugas por dia;
- cento e setenta e cinco estabelecimentos estão em situação precária, sendo necessários mais 130 para que não haja superlotação. O custo médio de manutenção do preso é de 3,5 salários mínimos por mês.

• Há, em média, um milhão de crimes por ano, sendo 72% casos de roubo ou furto e 28% de homicídio, lesão corporal, aborto, estupro, corrupção, tráfico, e porte de drogas.

- Sessenta e oito por cento das pessoas presas têm menos de 25 anos de idade, sendo que destas 2/3 são negros e mulatos; 89% são presos sem atividade produtiva ou trabalho fixo; 76% são analfabetos ou semi-analfabetos; 95% são pobres; 98% não podem contratar advogado.

•

Cerca de 1/3 da população carcerária nacional é portadora do vírus da AIDS.

• Estado do Rio de Janeiro, 2008

Há 166,58 presos para cada 100 mil habitantes, representando um crescimento de 2,56% somente no último ano. O efetivo de servidores penitenciários é de 3.286 profissionais, e a população carcerária absoluta é de 25.625 pessoas.

• Dados do Ministério da Justiça, em 2010

Entre 1995 e 2005, a população carcerária do Brasil aumentou de 148 mil presos para 361.402, o que representou um crescimento de 143,91% em uma década. A taxa anual de crescimento oscilava entre 10% e 12%. A partir de 2005, a taxa de crescimento anual caiu para cerca de 5% a 7% ao ano. Entre dezembro de 2005 e dezembro de 2009, a população carcerária aumentou de 361.402 para 473.626, o que representou um crescimento, em quatro anos, de 31,05%.

•

Apesar da redução da taxa anual de encarceramento, o Brasil ainda apresenta um

deficit de vagas de 194.650.

O DEVIR

EDUARDO MASINI

Aos poucos fui descobrindo as intimidades, a manifestação do desejo reprimido, o sexo fortuito, as ferramentas que seriam usadas na fuga para a liberdade tão sonhada e quase sempre inatingível, as cartas que revelavam segredos impensáveis, a maldade e a violência aprimoradas naquele ambiente sórdido.

Mas, havia também sinais de esperança de um futuro melhor, de credos salvadores e de sincero arrependimento. Nem tudo estava perdido!

Ao andar pelos corredores, pensava em cenas que lá poderiam ter acontecido, no sofrimento das famílias dos presos, nas brigas e nas mortes tão comuns nesses presídios.

Ao mesmo tempo em que a implosão parcial do presídio parecia ser um ponto final em toda aquela história, a parte que ainda restava era como se tudo aquilo se negasse e resistisse a desaparecer.

Por isso, em contraponto a tudo que vi, resolvi tentar passar uma sensação disfarçada de tranquilidade e paz, que aquele primeiro instante do início da implosão parecia sugerir. Entretanto, ao longo de todo o espetáculo de destruição, aquela sensação de conforto foi se transformando em poeira.

Eduardo Masini é fotógrafo e designer.



Eduardo Masini
Frames do filme O DEVIR I
Still from the film O DEVIR, 2011

As far back as the 1970's I was already questioning whether prison sentences could work as an instrument of change or the "social reintegration" of men and women deprived of their freedom. After twelve years working inside the prison system, including as director-general, the doubt became a certainty. Sentences that deprive people of their freedom are punishments, pure and simple. And while prisons exist, it is the responsibility of the prison manager to make sure that the punishment is limited to the privation of freedom. Yet there are still situations in the country such as the one described by a public health specialist from Fundação Oswaldo Cruz, who visited the cells at a police station in Rio de Janeiro in 2004: "The conditions the detainees at this institution experience are of the utmost privation: overcrowding, lack of fresh air, promiscuity, stench, lack of privacy, extreme discomfort. One could say that these inmates are undergoing a situation of physical and mental torture. The extent of the human misery imposed on these detainees is abhorrent and indescribable".

She goes on to underline the urgent need for a debate about the introduction of non-custodial sentences:

An English minister of justice once said that prison is an expensive way of making people worse. I couldn't agree more. Prison sentences are completely ineffective as a means of social control. They destroy individuals and families; they wipe out all self-esteem and basic notions of self-sufficiency; they turn petty thieves into hardened criminals; they do not teach respect for laws, nor do they deter crime, but rather cause recidivism; and they do not turn criminals into law-abiding citizens. Let us therefore reserve the prison sentence for dangerous and violent criminals, in the absence of other forms of social control. All other offenders can and should be punished with non-custodial sentences. And doing community service is the best of these.

"Prison is expensive, cruel and ineffective."

"I believe that if a person is not violent, they must be punished by providing free services to the community." Julita Lemgruber

The ideology of imprisonment is that prison has the capacity to punish, intimidate and rehabilitate, which is contradictory. To punish, you have to treat badly, but to rehabilitate you have to treat well, and there is nobody who can be rehabilitated through bad treatment. The removal of the prisoner's active role in society by blocking their contact with the outside world and controlling their behavior causes a sense of failure and stigmatization in society.

Unfortunately, experiencing prisons causes positive changes to the heads of those who visit them, but irreparable damage to those who serve time there." Técio Lins e Silva

Técio Lins e Silva believes that direct contact with a prison can affect and change the way people think far more than any academic study of the subject, and also highlights the catastrophic consequences for those who serve prison sentences. Técio is a criminal lawyer, a militant litigation attorney working at different levels of court proceedings, a professor in penal law at Cândido Mendes University, and a full member of the Brazilian Institute of Attorneys:

This is one of the citizenship-related issues that least awakens people's concern, even those who have a broad take on the country. I have learnt that it really affects people, so much so that back at the time when I used to teach penal law in the undergraduate course in law, I would always set aside one day to take the students to visit a prison. This excursion would be worth more than a thousand lessons on the topic. To this day, over 30 years later, I bump into former students who say that the experience changed the way they thought about life. Unfortunately, experiencing prisons causes positive changes to the heads of those who serve them, but irreparable damage to those who serve time there. Great damage.

Another notable aspect of the history of prisons has to do with the experience of common prisoners sharing space with political prisoners, especially during the period when democratic rights were suspended. Técio defended a number of political prisoners during the military regime, coming to understand what life was like behind bars, and highlights the difference in the treatment given to political prisoners and common prisoners:

The main difference had to do with the fact that those [political] prisoners were, in the main, from or closer to the ruling classes than the "common" prisoners. This particular difference was clearly why they were treated differently, although I would never dream of suggesting it was easy. The political prisoners sometimes suffered more than the others, depending on the circumstances and the period of the prison. I'm talking about the phase when political prisoners started serving their sentences in conventional prison facilities. I exclude the phase when prisoners were tortured in basements and held in military facilities, where they were deemed to be "enemies" and treated as such. A small experience of mine serves to illustrate my point. I clearly recall an old civil policeman who was a guard at the cells of DOPS, the Department of Social and Political Order, who used to say he had met a lot of prisoners who had gone on to become ministers, magistrates, politicians and leaders in the country, while he carried on there, a policeman and a jailer. That was the reason he gave for being less harsh and giving them a hand whenever he could...

STIGMA, CRIME E POVERTY

Commenting on the relationship between stigma, crime and poverty in a lecture given at the Rio de Janeiro Institute of Criminology (Instituto Carioca de Criminologia), French sociologist Loïc Waquant clarifies how downtrodden people become even more impoverished when they are sent to prison:

Prisons are primarily institutions for the poor. Most inmates come from the working classes, and when they spend time behind bars they only get even poorer. The percentage of people who are unemployed when they enter prison is lower than the percentage who are unemployed when they leave. When they get out, they are in an even more disadvantaged economic position than they were when they went to prison. We also know that the negative impact of prison is not restricted to the prisoners themselves, but also affects their relatives and neighbors. So this argument that the criminal justice system helps solve problems of social instability is unfounded; on the contrary, it creates further social instability amongst the poorest classes.

From a legal viewpoint, in practical terms, criminal justice only reinforces the social nature of the problem:

The criminalization of poor people has been a constant in Brazilian society. The reasons are what change. Historically, it was people that made others afraid who were criminalized: witches, heretics, anarchists, communists, runaway slave communities, Muslim slaves. In Brazil there have been two main historical milestones in this process, which are the extermination of the indigenous civilization and slavery. The manipulation of fear is at the heart of criminal discourse. The power to punish is intrinsically selective.

In this sense, fear becomes almost synonymous with poverty, since, as Vera points out: There is a false position that relates criminality with poverty. The most conservative make this association, and it is equated in an almost offensive way with poverty. It is as if poverty produced criminality. Those who work from the perspective of critical criminology tend to say that poverty is criminalized. I look into this in my book, *Difícil ganhos fáceis: droga e juventude pobre no Rio de Janeiro* ("Tough, easy gains: drugs and poor youth in Rio de Janeiro") (Revan, 2003).

These thoughts are expressed by a lawyer and full professor in penal law at the Federal and State Universities of Rio de Janeiro, former governor and vice-governor of Rio de Janeiro state, Nilo Batista, founder of the Rio de Janeiro Institute of Criminology. He is interested in the correlation between crime and social problems such as poverty and the unequal distribution of wealth, which he sets out clearly in his book, *Punidos e mal pagos* ("Punished and badly paid") (Revan, 1990), where he states that capitalism has used the criminal justice system to assure its supply of manpower and prevent the cessation of labor, criminalizing those poor people who are not converted into workers. Batista highlights the interest the crime control industry has in incarceration and the failure of the

prison term as a sentence, ever since first people reported on this experiment:

It should be a fairly straightforward, tension-free task to manage a prison. After all, for more than two centuries – since Howard, in 1794 – we have known all too well about the horrors of total institutionalization. If it were not for the interests of the powerful crime control industry, especially the punitive hospitality industry, the privation of freedom would be discredited as a sentence that, through reconviction, reproduces crime. When he was called utopian, Louk Husman sweetly replied that there could be nobody more utopian than someone who hoped to get anything out of prison. Prison has always been an abject failure, whatever the penitentiary regime, the training of the personnel, the building design, the judicialization of the execution of sentences, etc. This means the prison manager does not run many risks: he has that job where if everything goes wrong, that's when everything's all right.

"There is no such thing as a good prison. Prisons brutalize, belittle and degenerate."

"Prison was a structural phenomenon of capitalist society. It was necessary to control the useless elements of the old economy." Nilo Batista

FEAR AS A DRIVER FOR IMPRISONMENT

For a few scholars, like historian Vera Malaguti Batista, fear and the spread of fear in society is one of the main drivers behind the growing levels of incarceration we see today. A professor of criminology at Cândido Mendes University and secretary-general of the Rio de Janeiro Institute of Criminology, she has published a book on this topic entitled *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história* ("Fear in the city of Rio de Janeiro: two parts of a history") (Revan, 2003). She argues that when it comes to the relationship between fear and imprisonment, society and the state apparatus draw on people's feelings of insecurity to make sure people who threaten public order are punished and imprisoned. Fear becomes a factor in strategic decision-making in the economic, political and social spheres. She goes on to sketch out the historical relationship between the rise in fear, poverty and incarceration levels:

The criminalization of poor people has been a constant in Brazilian society. The reasons are what change. Historically, it was people that made others afraid who were criminalized: witches, heretics, anarchists, communists, runaway slave communities, Muslim slaves. In Brazil there have been two main historical milestones in this process, which are the extermination of the indigenous civilization and slavery. The manipulation of fear is at the heart of criminal discourse. The power to punish is intrinsically selective.

"State of Rio de Janeiro, 2008: There were 166,58 prisoners for every 100,000 inhabitants, representing growth of 2.56% in just one year. There were a total of 3286 agents working in the state's prisons, which housed a total of 25,625 inmates.

• Data from the Ministry of Justice, 2010: Between 1995 and 2005, Brazil's prison population rose from 148,000 to 361,402, representing a 143.91% increase in a ten-year period. The annual growth rate oscillated between 10% and 12%. Since 2005, the annual growth rate has fallen to around 5.7% a year. Between December 2005 and December 2009 the prison population swelled from 361,402 to 473,626, representing a 31.05% rise in four years.

• Despite the fall-off in the annual incarceration rate, Brazil still has a deficit of 194,650 prison places.

Our criminal policy on drugs is just another part of a history of criminalization. In Rio de Janeiro, capoeira, samba and funk are cultural manifestations created in the favelas that are looked upon with a prejudiced, criminalizing eye.

"Impossible to figure out why we turned into puppets." Graciliano Ramos

RELEVANT FACTS

- The growth of the prison system in the last 15 years has been extraordinary: it has soared from around 110,000 prisoners in 1994 to almost 500,000 today, with an average rise in the prison population of 4.5% a year. Most of these people committed non-violent crimes.
- According to research by the United Nations Latin American Institute for the Prevention of Crime and the Treatment of Offenders (ILANUD), 70% of prisoners reoffend, meaning that they commit new crimes upon returning to free society.

• Data produced in 1993 by the Department of Prison Affairs, from the Secretariat for Citizens' Rights and Justice, show that:

- of the 126,000 prisoners in the country, almost all were men (97%), of whom 48% were serving time in police cells without having gone to trial;
- a total of 297 penal facilities (penitentiaries and public prisons) had a combined total of 51,600 places, which means there were on average 2.5 prisoners per prison place and a deficit of 74,500 prison places;
- every day, there are an average of two riots and three escapes;
- 175 establishments were in a critical state, and a further 130 were needed to prevent overcrowding. It costs an average of 3.5 minimum monthly wages to maintain one person in prison for one month.

- Around a million crimes are committed every year: 72% are theft or robbery and 28% are homicides, bodily harm, abortions, rapes, corruption, trafficking and possession of drugs.
- 68% of prisoners are less than 25 years old, and two thirds are black or colored (*mulaço*); 89% do no productive work or regular labor; 76% are illiterate or semi-illiterate; 95% are poor; 98% cannot hire a lawyer.
- Around one third of the nation's prisoners are HIV positive.

• State of Rio de Janeiro, 2008: There were 166,58 prisoners for every 100,000 inhabitants, representing growth of 2.56% in just one year. There were a total of 3286 agents working in the state's prisons, which housed a total of 25,625 inmates.

• Data from the Ministry of Justice, 2010: Between 1995 and 2005, Brazil's prison population rose from 148,000 to 361,402, representing a 143.91% increase in a ten-year period. The annual growth rate oscillated between 10% and 12%. Since 2005, the annual growth rate has fallen to around 5.7% a year. Between December 2005 and December 2009 the prison population swelled from 361,402 to 473,626, representing a 31.05% rise in four years.

• Despite the fall-off in the annual incarceration rate, Brazil still has a deficit of 194,650 prison places.

HO'PONOPONO – MEYOUYUME

BIA VERGARA

What strikes me most these days when I look at the world around me is to see how my fellow human beings have such repeated thoughts, such limited beliefs, and behaviors that are so conditioned by painful memories reflected from this great mirror called life. This world of FREEDOM, in which the artist brings up the possibility of exploding a prison, literally imprints on my being my own responsibility for everything that is around me.

I suggested to the artist that this publication should include the importance of some work already being done the world over which started with our Kahuna forefathers in Hawaii. Dr. Ihaleakala Hew Len, who is still alive, worked at Hawaii

State Hospital, which had a large wing occupied only by criminals and psychopaths. Having faced the same decadence in political, social and professional questions for many years, Dr. Len decided to put into practice an ancestral healing and forgiveness technique called ho'oponopono (to make right). Even though he never had contact with any of the inmates, the mentally ill started getting off their medications, and criminals that had not had the slightest chance of being released started being freed. The hospital wing no longer exists: it was closed down because there were not enough patients to fill it. And what did Dr. Len do while he was examining the patients' files? He just kept on repeating, over and over again: "I'm sorry, I love you," and again, "I'm sorry, I love you, I'm sorry, I love you, thank you..."

Peace begins with me and inside you. Forever united.

BIA VERGARA is a journalist and therapist.

O DEVIR

EDUARDO MASINI

There's a district in Rio de Janeiro I always used to go by when I was little and would think to myself: this is a place where at least once a year people are equal, happy, and sing their joy to the world.

It's a district that hosts one of the world's largest festivals each year: the Rio de Janeiro carnival. Thousands of people come together, free of prejudice, restraint and the rules that society imposes on us, to celebrate their worship of the gods of Carnival.

But what I never imagined, maybe because it was beyond my reality, was that just a few meters away, where joy was the order of the day, there was a parallel world – a pit of suffering. A place that represented the opposite of what I had always admired.

How could two situations, two such different places, be so close to one another?

Last year, accompanying my friend Vergara, I went to see the Frei Caneca prison after the first implosion. The only thing that remained of the original compound was a single wing. When I entered that unfamiliar world, I was taken over by a strange energy.

The moment I set foot in that former prison, even though it was empty and half destroyed, I felt a sense of abandonment that the people must have felt as they paid their dues to society.

So strong was that energy that it took me to a reality that was entirely unfamiliar to me. A bizarre fantasy came to life just then; it was as if I heard the hallways crying and screaming. It all felt so real and frightening.

It was then, as I was taken over by this strong feeling, that I started to film each cell, each nook, each cranny. Little by little I discovered the private parts, the expressions of repressed desire, the occasional sex, the tools used in a bid to escape to a much dreamed of and almost always unattainable freedom, the letters that revealed unimaginable secrets, the evil and violence refined in that depraved environment.

But there were also signs of hope for a brighter future, of belief in salvation and sincere regret. All was not lost!

As I walked around the corridors, I imagined scenes that might have taken place there, the suffering of the prisoners' relatives, the fights and deaths that were such a common occurrence in these prisons.

At the same time that the partial implosion of the prison seemed to draw a line under that whole story, the part that still remained was as if it all resisted and refused to disappear.

And so, to offset everything I saw, I decided to try and convey a deceptive sense of peace and tranquility that the first moment of the implosion seemed to suggest. Yet as the show of destruction unfolded, that sense of comfort gradually turned to dust.

EDUARDO MASINI is a photographer and designer.

Com obras desenvolvidas a partir da implantação do Complexo Penitenciário Frei Caneca - o mais antigo do país - a exposição "Liberdade", de Carlos Vergara, concebida para o interior das Cavalariças da EAV Parque Lage e seu entorno, provoca questões sobre o conceito e a conquista da liberdade, tema presente na trajetória e obra do artista.

A opção de Carlos Vergara em trazer este projeto para o espaço das Cavalariças torna ainda mais vigoroso o resultado. A metáfora da prisão em um local que emana liberdade surge como ponto catalisador para a reflexão e discussão: o que a implosão não consumiu é visto em novo local. Portas de ferro que antes encerravam, agora enquadram a paisagem exuberante da mata atlântica e, ao mesmo tempo, sustentam registros fotográficos fixados em superfícies transparentes.

O projeto contemplado pelo Edital de Artes Visuais da Secretaria de Estado da Cultura reitera o caráter flexível e dinâmico da área expositiva das Cavalariças, integrando a programação de exposições de longa duração, além da publicação bilingüe, tornando mais abrangente o alcance da programação da EAV Parque Lage.

Claudia Saldanha
Diretora da EAV Parque Lage

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DIRETORA I DIRECTOR
Claudia Saldanha

COORDENADOR ADMINISTRATIVO I ADMINISTRATIVE COORDINATOR
Herbert Hasselman

www.carlosvergara.art.br

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DIRETOR I DIRECTOR
Ana Macedo

SERVICOS GERAIS I GENERAL SERVICES

Waldiney de Almeida Ricardo

Antônio Luiz Justo

KLABIN

Maneco Müller

Marcos Flaksman

Moacir dos Anjos

Nilo Batista

Rafael Wollny

RIOSOLIDARIO

Secretaria de Estado de

Habitação – Governo do

Estado do Rio de Janeiro

Inês Vergara

Julieta Lemgruber

GERDAU

Inês Vergara

Julita Lemgruber

KLABIN

